



Indústria da seca

EDUARDO EVARISTO MIRANDA

O Nordeste vive mais um período de seca. Poderia enfrentá-lo sem invasões nas cidades, com tecnologias agrícolas modernas, sem maiores dificuldades. Mas pior que o flagelo da seca é o dos governos e elites locais.



Seca é dado permanente da região. Ainda não é a pior dos últimos 20 anos. Em 1983/1984 foi bem pior. Porém, nos últimos dez anos, o abandono da região, a começar pelas elites nordestinas, acentuou o empobrecimento dos agricultores. Pesquisa da Embrapa com 470 propriedades rurais do sertão mostrou em 1990 um empobrecimento anual de mais de 10%. Resultado: um consumo ainda maior dos recursos naturais da caatinga (lenha, carvão, madeira, caça, etc.), além de cercas sem conservação, açudes, poços e barragens assoreados. Casas e sítios semidestruídos, estradas vicinais impraticáveis. A seca tem agora um impacto inédito, ampliado pela degradação ambiental e social.

Irrigação não teria resolvido. O zoneamento agroecológico do Nordeste mostra que, dos 90 milhões de hectares do semi-árido, somente 2% podem ser irrigados. São locais onde existem água e solo convenientes. Ao longo do Rio São Francisco imensas áreas não podem ser irrigadas, pois o solo seria salinizado. A irrigação não é simples, nem generalizável. Cerca de 20% das terras do semi-árido não se prestam a nenhuma atividade agrícola. São muito frágeis e deveriam ser preservadas, sob risco de desertificação. Apenas 3% das terras suportam com sucesso uma agricultura dependente de chuva, sem maiores recursos tecnológicos. Sobra 75% do semi-árido e real desafio. Ao contrário do passado, os resultados da pesquisa agropecuária demonstram que existem soluções técnicas e sistemas de produção para tornar viável essa agricultura.

O esforço de alguns centros de pesquisas, agricultores e órgãos de desenvolvimento permitiu que a década de 80 não fosse perdida para o sertão. Houve uma ampla geração de tecnologias para o agricultor conviver com a seca. A título experimental, 40 pequenas propriedades, em diversas situações ecológicas e sócio-econômicas, implantaram de forma integral essas tec-

nologias, conforme os desejos e prioridades de seus agricultores. Essas propriedades se tornaram viáveis e resistem bem ao fenômeno da seca. Estão lá para quem quiser visitar ou conferir. Sergipe foi o Estado que mais apostou nessas tecnologias. Hoje é um dos que menos sofre com a seca, sob o risco paradoxal de ser punido com pouca ajuda federal.

Essas tecnologias custam, em média, US\$ 5 mil de investimentos em cada imóvel rural. Com as taxas de juros atuais, mesmo nas condições de financiamento do Fundo de Financiamento do Nordeste (FNE), nenhum agricultor poderia assumir os investimentos. O retorno social das tecnologias é alto, mas o financeiro é pequeno. Estudos realizados pela Embrapa mostram que as propriedades rurais não suportam juros de mais de 1% ao ano em financiamentos de 15 anos. Algumas necessitariam de até 30 anos! Isso se não houver quebra de safra, pois, na sistemática atual, o agricultor não tem direito a um seguro como o Proagro. No Sul, ele é praticamente obrigatório em toda operação de crédito rural face aos aléas climáticos. No sertão, onde o risco climático é muito maior, o Proagro não vale!

Já uma lata de água está valendo Cr\$ 20 mil no sertão. Alguns políticos fazem a festa distribuindo ajuda, água e emprego nas frentes de emergência. Garantem seus futuros eleitores usando a máquina do governo. As lamúrias da elite local pressionam por mais dinheiro federal. O governo está liberando e será forçado a liberar ainda mais. Toda essa ajuda vai se evaporar na famosa indústria da seca, absolutamente controlada por deputados e elites locais. Teremos um setembro negro no sertão.

São pelo menos 9 milhões de pessoas às quais o sistema econômico-financeiro do País, os políticos e as elites nordestinas fecham as portas do futuro no campo. O problema não é regional, mas nacional. Como a eutanásia social ainda foi oficializada, as migrações vão se acentuar. Todos pagarão esse imposto da miséria: na queda dos salários relativos aqui, no Sudeste, nos gastos com segurança, na diminuição da qualidade de vida, na saturação dos serviços urbanos, na proliferação da cólera, etc. Encontro marcado com esses flagelados, nas favelas metropolitanas ou em algum beco sem saída.

■ Eduardo Evaristo Miranda, doutor em Ecologia, pesquisador da Embrapa e professor da USP, é presidente da Ecoforça